

O PERFIL SÓCIO-POLÍTICO DA COMUNIDADE SURDA DO RIO GRANDE DO SUL: EDUCAÇÃO E TRABALHO

JANAÍNA PEREIRA CLÁUDIO¹, JÉSSICA CASA NOVA², JOSÉ SINÉSIO TORRES GONÇALVES FILHO³, OTTMAR TESKE⁴

RESUMO

O perfil sócio/econômico e político da Comunidade Surda do Rio Grande do Sul, vem sendo estudado por esse grupo de pesquisa desde o ano de 1999. É importante ressaltar que este estudo é preliminar e realizamos alguns recortes em relação ao nosso objeto de estudo, onde somos sujeitos e objetos ao mesmo tempo. A novidade reside na observação estruturada, das condições de estudo e trabalho das pessoas surdas, na última década, no Rio Grande do Sul. Ao frequentarem uma Universidade, alguns surdos desse grupo inicia uma transformação significativa na sua comunidade, onde diversos projetos começam a ser re/definidos e idealizações concretizadas. Através da observação, entrevistas e reuniões sistemáticas elaborou-se um perfil sócio-político dos surdos universitários e dos ouvintes envolvidos diretamente com os mesmos. Destacou-se algumas formas de relacionamento que caracterizam os surdos por parte dos ouvintes e como essas marcas sociais influenciam na formação do profissional dos surdos e sua aceitação no mundo do trabalho. Preliminarmente percebe-se que as pessoas surdas ainda são olhadas pelos ouvintes que lhes cercam, como colegas de aula, de trabalho, professores como se fossem sujeitos inferiores, primitivos ou incompletos. No desenvolvimento desse trabalho ficou evidente que a língua de sinais e os surdos são aceitos mas, ao mesmo tempo, ignorados e não reconhecidos politicamente por alguns grupos de ouvintes.

¹Acadêmica surda do Curso de Arquitetura, instrutora de LIBRAS (FENEIS) – Bolsista PROICT/ULBRA

²Acadêmica surda do Curso de Radiologia, instrutora de LIBRAS (FENEIS) - Bolsista PROICT/ULBRA

³Acadêmico surdo do Curso de Sistemas de Informação e Ciências - Matemática/ULBRA, monitor IPESA/ULBRA

⁴Professor – orientador do Curso de História/ULBRA. Diretor do IPESA/ULBRA

ABSTRACT

The social, economical and political profile of the Deaf Community at Rio Grande do Sul State, Brazil, has been studied by this research group since 1999. It is important to note that such study is a preliminary one and that we made some restrictions regarding our issue, related to which we are both subjects and objects. What's new is the structured observation of the Deafs conditions of study and work, during the last decade. By enrolling in a university, some Deafs initiated a significant change in their community, in which many projects begin to be re/defined and ideals become concrete. Through observation, interviews and systematic reunions, we constructed a socio-political profile of deaf college students and of the listeners directly involved with them. Some types of relationships between Deafs and listeners are emphasized, as well as how these social marks bear on the Deafs professional training and their acceptance in the job market. Initially, we perceive that deaf people are still looked at by their classmates, co-workers and teachers as inferior, primitive or incomplete persons. During the development of this research it became clear that the Brazilian sign language and the Deafs are accepted but, at the same time, ignored and politically unrecognized by some groups of listeners.

INTRODUÇÃO

O perfil sócio/econômico e político da Comunidade Surda do Rio Grande do Sul, vem sendo estudado desde 1999 por esse grupo. É importante ressaltar que esse estudo é preliminar e que foram realizados alguns recortes em relação ao objeto de estudo em questão.

A novidade reside na observação estruturada, sobre as condições de estudo e trabalho das pessoas surdas, na última década, no Rio Grande do Sul.

Ao ingressarem e freqüentarem uma Universidade, alguns surdos desse grupo demonstra iniciativas transformadoras e significativas nas suas relações e comunidade. Nessa diversos projetos começam a ser re/definidos e idealizados concretizando projetos pessoais e sociais representativos.

Através de observações de campo, entrevistas e reuniões sistemáticas elaborou-se um perfil sócio-político dos surdos universitários e dos ouvintes envolvidos diretamente com os mes-

mos. Destacou-se algumas formas de relacionamento que caracterizam as relações desses surdos com o ambiente formado basicamente por pessoas ouvintes, no caso da Universidade.

Destaca-se que existem marcas sociais que influenciam na formação do profissional dos surdos e conseqüentemente na sua aceitação no mundo do trabalho como profissionais habilitados.

Percebeu-se também que as pessoas surdas ainda são olhadas por alguns ouvintes que lhes cercam, colegas de aula, de trabalho, professores como se fossem sujeitos inferiores, primitivos ou incompletos. Ou são super valorizados como se fossem elementos de algum outro planeta.

No desenvolvimento desse trabalho ficou visível que a língua de sinais e os surdos são aceitos mas, ao mesmo tempo, ignorados e não reconhecidos politicamente por muitos grupos de ouvintes.

Concluiu-se após as saídas de campo, entrevistas e filmagens realizadas que as concepções de

igualdade e diferença, estão intimamente ligadas com a forma como os próprios sujeitos sociais interpretam o mundo em que vivem. Não existe essa homogeneidade idealizada por alguns conceitos filosóficos, pelo menos nessa área investigada.

UM ESTUDO PRELIMINAR METODOLOGIA E RESULTADOS

Os surdos do Rio Grande do Sul, como qualquer outro grupo não é único, mas sim apresenta-se nos resultados de forma multi/facetado. É possível que essa representação é conseqüente de uma estrutura onde a divisão social do trabalho cada vez mais vem se complexificando.

Os sujeitos pesquisados, de forma geral, não tem se interessado em dialogar com outros grupos de contestação, como por exemplo os cegos, indígenas, afrodescendentes ou mesmo com outros grupos formados por pessoas portadoras de deficiência.

A tecnologia poderá aproximar muito esses grupos, mas também pode ser um elemento de mais fragmentação. A tentativa de diálogo, sempre é um bom recomeço mas essa relação na essência do movimento não ocorre.

A maioria dos grupos de surdos pesquisados estão de alguma maneira interligados com grupos de ouvintes. Ocorrem conflitos nos quais os surdos necessitam constantemente reafirmar que são diferentes culturalmente dos ouvintes. Na comunidade surda, sua identidade é representada através do visual, onde reivindicam sua cidadania e portanto possuem direitos, acima de tudo, humanos.

Os surdos do Rio Grande do Sul, através de suas organizações e representações nas esferas institucionalizadas, construíram discursos sobre os sentidos da vida e do trabalho. O quadro abaixo reflete em parte esses discursos. A partir das entrevistas realizadas entre os surdos, quando perguntados qual sua opinião sobre conceitos como luta, cultura, comunidade, direito e identidade, responderam com as seguintes afirmações, luta é, cultura é, comunidade é, direito é, identidade é;

Luta	Cultura	Comunidade	Direito	Identidade
Direito a Intérpretes; Trabalho; Libras; Política; Diferença; Leis; Comunidade;	Tdd Celular Sinalizador, Icq, Chat, Internet Libras Capacidade Intérprete Comunidade	Libras; Vida surda; Escola de surdos; Clube de surdos, Associação Dança teatro Valor visual	Libras Intérprete Lei Emprego Igualdade Respeito da comunidade	Surdez Comunidade surda Toda sua cultura Uso de libras

Numa avaliação preliminar, percebe-se que a visão dos surdos sobre esses conceitos, tão difundidos no meio ouvinte, são caracterizados e compreendidos numa perspectiva externa e pragmá-

tica. Em outras palavras, aliam o conceito a uma definição mais concreta, palpável na sua manifestação. Isso indica a necessidade de realizar-se uma discussão mais aprofundada desses princípi-

os, junto a comunidade acadêmica surda.

Qualquer sujeito tem o direito de acessar o conhecimento filosófico, mas na nossa sociedade ocidental para muitos esse conhecimento é negado por inúmeros fatores, dentre os quais a necessidade de formação de trabalhadores técnicos, que fundamentem sua razão técnica e afastem-se de sua razão social.

No quadro acima, é possível perceber que a comunidade surda tem interessado-se cada vez mais a assumir sua própria formação. Provam que além de um trabalho restritamente manual os surdos também podem atuar no campo do trabalho imaterial, ou seja, intelectual. A questão é que mesmo nessa transformação significativa no campo laboral, corre-se o risco dessa formação tornar-se apenas tecnicista, reproduzindo no interior da própria comunidade surda concepções limitadas por esse princípio. Esse perfil também ocorre entre os trabalhadores ouvintes, que sofrem do mesmo processo de reprodução do conhecimento sem que haja uma re/criação do mesmo.

Muitas informações não são transmitidas de forma adequada aos surdos. Por essa falta de comunicação, não resolvidas muitas vezes pelos próprios intérpretes de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), faz gerar interpretações ingênuas sobre as estruturas e conceitos filosóficos. Em outras palavras, os surdos por esse motivo da falta de comunicação acabam realizando sua própria análise fundamentada numa perspectiva apenas exterior e visível dessas estruturas teóricas. Inauguram com isso outros discursos, não menos importantes, mas diferentes e muitas vezes des/locados da sua realidade.

Isso nos leva a concluir que podemos reconstruir a própria *episteme*, de uma forma visu-

gestual, mas sua validade, suas fronteiras e limites precisam ser primeiramente esclarecidos pelos agentes comunicativos, no caso os surdos e os ouvintes envolvidos.

Não há dúvida que a língua de sinais é um excelente meio para que estes debates ocorram. Porém, não pode-se descolar sua interpretação cultural com sua vivência e suas noções referentes aos conceitos apresentados no quadro acima.

Isso sugere que a língua por si não é fim mas as visões, as formas de olhar ultrapassam até as próprias línguas envolvidas nesse processo de educação e de trabalho, ambas uma experiência essencialmente sociais.

Tentando traduzir as palavras da pesquisadora surda⁵ e seus colaboradores a análise desse quadro é o seguinte: *Para nós surdos*⁶ pensamento faz a destruição e sem apoio das necessidades da sobrevivência para os surdos agruparem como povo, cultura, direitos e costumes. Os costumes deles para os ouvintes são pouco conhecidos, pois são menos publicados e anunciados, até os ouvintes sentem falta de maiores informações, principalmente: "Como o surdo vive?".

A diferença racial e étnica aparecem num plano social, porém não podemos esquecer que sobre a diferença racial não está só, que tais outros problemas também apresentados como as diferenças: a sexualidade, a classe e a incapacidade. Algu-

⁵ Não me sinto autorizado em traduzir o texto da pesquisadora surda. Optei para que ele fosse registrado na sua íntegra, respeitando os princípios lingüísticos dos surdos. Portanto esta parte é a análise escrita da pesquisadora surda no original.

⁶ Nós – surdos – demonstra que os pesquisadores são sujeitos e objetos de sua própria pesquisa. Essa é uma problemática significativa nas ciências sociais.

mas imagens das diferenças e das representações são nos meios comerciais, a publicidade e ilustrações em revistas que usam estereótipos raciais, que datam naquele período da escravidão ou do imperialismo popular do final do séc. XIX. (Hall, 1997)

Mesmo quando os ouvintes pensar o sentido “surdo”, além disso desse pensamento, ele se sente a diferença e nem sente a igualdade dele. Isso pode desaparecer ao longo dos anos, como Terje Basilier, um psiquiatra norueguês surdo explica: “Quando aceito a Língua de Sinais, eu aceito o Surdo e o seu direito de ser Surdo”.

Esse pensamento quando um surdo mostra uma forma de expressão do surdo, aceitar é uma forma de afirmação, surdo é o cidadão que vive e o direito é ter respeito para com os surdos reconhecendo-o na sua condição diferente.

No Rio Grande do Sul, muitos surdos estão indo para frente, luta pela língua, luta pelo direito, luta de ser surdo, luta a igualdade. O que eles querem a igualdade?

Igualdade para nós surdos é quando o povo recebe a mesma igualdade sem preocupar ou sem dar importância das diferenças que podemos re/classificar os grupos bem conhecidos, que esses grupos recebiam a diferença e tanta igualdade.

Como podemos citar, somos uma raça visual em revolução⁷. Assim como a revolução que durou aos longos tempos, por exemplo, a escravidão dos negros e sua revolução com Zumbi dos Palmares no Brasil; a Reforma Luterana e a Contra/Reforma na Europa no século XV, a “Revo-

⁷ Opinião sintetizada dos pesquisadores surdos, sobre o resultado das falas nas entrevistas.

lução Agrícola” 10.000aC, a Revolução Francesa e Industrial nos séculos XVIII e XIX, foram acontecimentos que marcaram nossos tempos modernos no mundo ocidental. Os surdos também participaram desses momentos, e foram massacrados da mesma forma com suas consequências, hora morais hora institucionais.

Nos tempos atuais, especialmente no que refere-se aos surdos do Rio Grande do Sul no início do século XXI, é possível perceber nas entrevistas e reuniões sistemáticas realizadas com nossa comunidade surda, o surgimento de lutas a favor da Língua Brasileira de Sinais, a “LIBRAS”. Ela representa, para a maioria dos surdos entrevistados, uma espécie de emancipação.

As mãos dos surdos aliadas ao olhar e as novas tecnologias tem demonstrado para o mundo ouvinte suas potencialidades. Esse mundo ouvinte legalmente institucionalizado numa condição moderna, é forçado a visualizar a diferença, especialmente quando essa é caracterizada e marcada por uma língua visu-gestual.

A consequência desse movimento é o reconhecimento pela estrutura oficial dessa forma de comunicação, o que tem gerado um processo de assimilação transformando-a numa língua oficial. Essa é uma grande transformação para os que viviam no obscurantismo ouvinte, mas ao mesmo tempo a resistência revolucionária deixa de existir e transforma-se em modismo por uma parte da sociedade. Isso não significa retrocesso, pelo contrário, é fruto de lutas, utopias e proposições anteriormente difundidas e defendidas pela própria comunidade surda e por intelectuais orgânicos envolvidos com essa população.

Muitos surdos lutam por vagas de empregos para ganhar vida, para alimentarem-se, viverem

em seus cantos e encantos, morar, constituir sua própria família, estudarem e ainda colaborar com os outros financeiramente.

A maioria dos surdos entrevistados negam ter utilizado uso de drogas ou que se viciaram por causa da sua condição. Pelo contrário, a maioria dos surdos entrevistados afirmam que a parte financeira é a mais importante. Quando perguntados por que, a maioria respondeu para ajudar e mostrar para sua família sua capacidade. Querem poder pagar seus próprios estudos, comprar roupas, e realizar outros gastos particulares ou com a família. Enfim, o desejo de ser reconhecido pelo outro, desejam alteridade.

Os que produzem , na maioria das vezes, consomem o mínimo para continuarem sua tarefa laboral. Precarizados, fragilizados, incluídos no sistema

cartesiano reproduzem-se... as pessoas portadoras de deficiência continuam vagando por este mundo sobrevivendo e sendo super/explorados, em nome de sua "eficiência" e disposição. (Teske, p.160, 2002)

Pois eles⁷, surdos, sabem é que muito difícil conseguir emprego, por um motivo que eles não falam e nem escutam, isso para os surdos não é seu problema, mas para os ouvintes transformouse no maior problema e polêmica, justificando assim a não contratação de pessoas surdas. Muitos empregadores ouvintes empurram ou sugerem aos candidatos surdos uma área de trabalho onde não é apropriado para os surdos e em seguida justificam o fracasso dos surdos.

O próximo quadro sistematizamos algumas tendências que constatamos nos levantamentos qualitativos.

ATIVIDADE	QUANTIDADE	MASCULINO	FEMININO
Assistentes	02	01	01
Auxiliares	11	07	04
Cabeleireiras	03	02	01
Camareira	01	01	00
Costureiras	01	00	01
Digitadoras	01	00	01
Escriturários	01	01	00
Estagiárias	05	00	05
Estoquistas	16	16	00
Instrutores	46	23	23
Monitores	01	01	01
Professores	21	08	12
Serviço pública	01	01	00

Análise Visual – Comunidade Surda - TRABALHO

Foram entrevistados, de forma aleatória, 110 surdos, de diferentes idades, em diferentes locais, como na Sociedade de Surdos do RS, Federação, Escolas públicas privadas do RS e tam-

bém em Universidades, públicas e privadas do RS.

⁷ É importante ressaltar que esse eles – é dito pelos pesquisadores surdos – portanto – mostram e provam a não existência de um perfil surdo, ou uma cultura surda – mas culturas, perfis etc.

Portanto este levantamento é preliminar e não necessariamente indica uma avaliação do quadro final. É uma tendência em relação a comunidade observada.

Esse levantamento baseou-se em entrevistas estruturadas e semi estruturadas nestes diferentes locais. Foram sorteados alguns sujeitos que seriam entrevistados e filmados. A análise realizada refere-se apenas sobre a atividade laboral dos surdos, onde optou-se trabalhar com um universo reduzido de população, por amostragem.

Nesse quadro, é possível perceber que o número de surdos que atuam com trabalho manual vem decrescendo, e muitos tem escolhido a áreas da educação para trabalharem. Neste sentido, é possível perceber no quadro que a maioria ainda não são professores, mas essa profissão está em alta na comunidade surda. Atualmente apenas 90 alunos surdos, que freqüentam a comunidade surda e comunicam-se em LIBRAS estão estudando em alguma Universidade do Rio Grande do Sul. Sendo que desse universo 62 alunos surdos são da ULBRA/Canoas. Isso é um indicativo que muito ainda precisa ser realizado neste campo, uma vez que, na nossa estimativa por amostragem entorno de 800 surdos estão aptos a ingressarem numa Universidade no Rio Grande do Sul, mas apenas 90 atualmente conseguiram esse feito.

CONCLUSÕES

Concluiu-se preliminarmente que esse momento de registros e pesquisas no campo da ciência social são significativas para refletirmos o campo dos estudos surdos numa perspectiva ampliada e pragmática, por causa das deman-

das reprimidas historicamente no que refere-se a acessibilidade universal.

Com esta pesquisa detectou-se o interesse por parte da própria comunidade acadêmica surda em acessarem outras áreas do conhecimento fora do campo da educação. Ao mesmo tempo que toda a equipe de pesquisadores também são surdos, essa pesquisa possibilitou o exercício criativo da ciência social.

Historicamente a surdez era abordada apenas pela saúde, assistência social ou educação, onde surgia um apêndice chamado especial. Com esse trabalho foi possível concluir que a comunidade surda, além das áreas acima referenciadas, está envolvida em inúmeras outras formas de trabalho e estudo.

Chegando na universidade, os surdos podem acessar qualquer área que lhes interessa, praticando com isso, um exercício de cidadania e de conquista dos direitos de serem humanos.

Conclui-se, portanto, que esse movimento pode gerar num futuro próximo uma alteração significativa nas condições de vida e de trabalho das pessoas surdas de forma geral.

Nesta perspectiva projeta-se que a curto prazo vários surdos atuarão como pesquisadores, professores e outras profissões fora da temática dos estudos surdos. Isso exigirá mais da sua capacidade mental do que manual. Os dados coletados comprovam que os surdos que freqüentam uma Universidade tem auxiliado nessas mudanças.

Há 10 anos atrás essa realidade era inversa. Um grande número de surdos exerciam trabalhos basicamente manuais de repetição e eram precarizados. Isso gerava um baixo poder aquisitivo e a desvalorização dos mesmos como sujeitos.

Essa situação tem mudado, apesar de ainda haver por parte dos ouvintes, um grau significativo de desconfiança da população surda, quando essa ainda sofre de preconceitos e rejeições por parte dos ouvintes.

Isso aparece quando a preocupação da maioria das pessoas é com o mercado de trabalho. Portanto numa mediação de segunda ordem⁸. Os surdos da universidade possuem consciência, segundo suas respostas das entrevistas, que terão pela frente uma batalha ardorosa para serem reconhecidos como profissionais de nível superior e não apenas auxiliares ou sujeitos inferiores. Os conflitos também aparecem em lugares, onde a competitividade é acentuada onde os surdos podem ameaçar a hegemonia ouvinte, como por exemplo nas escolas de surdos, sempre repletas de profissionais ouvintes e poucos profissionais surdos.

Conclui-se também que os surdos assumem que possuem os corpos iguais aos ouvintes mas uma comunicação diferente. Para muitos ouvintes essa comunicação é estranha.

Na opinião dos pesquisadores surdos expressada a seguir é a seguinte⁹:

Os exemplos dos surdos que vivem numa sociedade aberta aparecem nas nossas entrevistas e filmagens. Para eles, politicamente, os surdos são sofridos como muitos ouvintes também sofrem. Mas na hora de conseguir alguma vaga como mercadoria no mercado de trabalho, é necessário estar ao lado dos ouvintes, gerando um resul-

tado passageiro de união num mundo imaginário. Nesse sentido é como um muro invisível, portanto é necessário vencer as dores de várias críticas, muitas vezes inventadas pelos ouvintes

Os surdos ainda são chamados de mudos, mesmo quando esses comunicam-se com suas mãos. São caracterizados como deficientes ou eficientes, conforme for o caso, para justificar a incompletude ou a resignação de realizar algumas tarefas que os ouvintes não aceitariam executar sem reclamar. Eficiência pode representar submissão. Como os surdos possuem sua língua e comunicam-se com ela utilizam essa para que a sociedade ouvinte não lhes emudeça. A Libras é a língua dos surdos do Rio grande do Sul e do Brasil, então essa comunicação amplia sua liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, Stuart. The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time. In; THOMPSON, Kenneth (Ed.). **Media and cultural regulation**. London: The Open University, 1997.

MÉSZAROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial/Unicamp, 2002

TESKE, Ottmar. Letramento e Minorias numa perspectiva das ciências sociais. In: LODI, A. C. B. et al. (Orgs.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

⁸ Ver em Mészáros, 2002, p.71, Para além do Capital.

⁹ Não foi realizada a tradução, deixando na forma original que os pesquisadores surdos elaboraram suas idéias utilizando a escrita no português.